

Evento: XVIII Jornada de Extensão

**ENTRE O SUJEITO E O OBJETO: CONTRIBUIÇÕES DA PSICANÁLISE NO
MANEJO DA TOXICOMANIA¹
BETWEEN SUBJECT AND OBJECT: CONTRIBUTIONS OF
PSYCHOANALYSIS IN THE MANAGEMENT OF DRUG ADDICTION**

Juliane Gering²

¹ Trabalho desenvolvido a partir do projeto de estágio no Curso de Psicologia da Unijuí

² Acadêmica do curso de Psicologia - Unijuí

INTRODUÇÃO

A toxicomania é uma patologia grave, cujos efeitos nocivos repercutem tanto a nível individual quanto social. Embora tenha mobilizado a atenção de diversas áreas da saúde por um longo tempo, ainda não se produziram respostas que sustentem a possibilidade de cura, fato que pode ser confirmado pelos altos índices de recaídas no uso e abuso das drogas, e pela própria práxis médica, que considera a dependência química uma doença crônica cujo melhor prognóstico consiste na manutenção da abstinência.

Algumas questões pertinentes ao tema da toxicomania foram formuladas a partir das atividades de estágio do curso de Psicologia, realizado dentro de uma comunidade terapêutica feminina para dependentes químicos em Cruz Alta, RS. O objetivo do presente trabalho consiste em trazer estas questões à luz da teoria psicanalítica, buscando compreender o papel do psicólogo frente ao laço pulsional formado pelo sujeito e seu objeto tóxico.

METODOLOGIA

Foram realizadas escutas clínicas individuais e de adesão voluntária à mulheres internadas na comunidade terapêutica. A partir dos relatos obtidos nestas escutas, buscou-se uma revisão bibliográfica sobre o tema na teoria psicanalítica.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A proposta da escuta clínica era a de oferecer um espaço no qual as mulheres em tratamento na comunidade pudessem contar suas histórias de vida, reapropriando-se destas. Ao revisitarem suas memórias, estas mulheres conseguiam recuperar suas referências simbólicas de forma a sustentar sua vida psíquica até então fragilizada pela toxicomania. Inicialmente, a fala destas mulheres era preenchida com memórias de adicção: o que usavam, como usavam, quanto, quando e onde usavam, e somente em um tempo posterior elas espontaneamente resgatavam as memórias de suas histórias pessoais. Este discurso saturado com o tóxico era, de certa forma, proibido em outras atividades na comunidade, já que uma das regras era a de não nomear a droga, nem socializar histórias envolvendo o uso desta. Além disso, outra regra norteadora da dinâmica institucional consistia em dar ênfase à incurabilidade da doença. Desta forma, surgiram alguns questionamentos sobre o tipo de produções subjetivas que são possíveis quando a ênfase do tratamento é colocada tanto na droga (e seus efeitos orgânicos) quanto na cronicidade da patologia, realocando-se, através deste discurso institucional, o sujeito em uma posição passiva frente ao tóxico.

Pensando na questão de economia psíquica da psicanálise, não se nega a força da droga como

Evento: XVIII Jornada de Extensão

um objeto poderoso, com o qual o sujeito entra em uma relação de colagem, recobrando suas bordas pulsionais sem que ocorra nenhum tipo de deslizamento simbólico. Nunes discorre sobre esta falha simbólica produzida pela droga enquanto objeto, estabelecendo a distinção da repetição tanto no *fort-da*, de Freud, quanto no uso recorrente do químico:

"Poderia ilustrar essa questão recorrendo ao brinquedo do carretel do neto de Freud, ao *fort-da*. A repetição é condição para a simbolização, mas, no movimento pulsional toxicomaniaco, a torção necessária para que haja a simbolização parece não ocorrer. O traço identificatório que poderia deixar sua marca, no movimento de presença/ausência, não encontra validação no seu processo subjetivante, na construção fantasmática. Dito de outra forma, o traço unário que poderia ressituar a repetição com o estabelecimento do diferente não se escreve no sujeito, a não ser como a repetição do mesmo. O uso e o abuso das drogas são exemplares neste sentido. A droga, nesses casos, como objeto, não faz inscrição noutra lugar da economia psíquica, entraria sempre na mesma fenda." (Nunes, 2004)

O pensamento psicanalítico não nega as dimensões biológicas da dependência química, pelo contrário, entende o corpo do sujeito como o cenário onde se desenrola o enlace pulsional deste com seu objeto. No entanto, o olhar analítico recai sobre o tipo de relação que se estabelece, ou dito de outra forma, quais as posições que o sujeito assume diante do tóxico. E ainda, ampliando o enfoque, procura interrogar-se sobre o que determina o engate da dependência em alguns sujeitos e outros não, já que o uso de substâncias psicoativas estão (e sempre estiveram) presentes nas mais diversas sociedades, assumindo mesmo um caráter cultural (embora revestido de tabu). Poderíamos trazer como exemplo o "beber socialmente", que nada mais seria do que consumir a bebida alcoólica de forma relativamente controlada e eventual, estando em uma roda social. A bebida entra nestas situações como uma espécie de coadjuvante, e nunca como protagonista, pois o evento social decorre *com* ela, e não *por* ela. O que é diferente da toxicomania, na qual há uma impossibilidade de mediação simbólica, conforme discorre Torossian:

"Geralmente, nas toxicomanias temos uma formação sintomática na qual há uma cristalização da posição do sujeito numa relação de exclusividade com a droga. Uma relação que não permite mediações. Há brechas nas quais um terceiro consegue intermediar a relação exclusiva com a droga, mas, geralmente, em algum momento essa intermediação é destituída, voltando, o sujeito, à relação de exclusividade." (Torossian, 2004)

É comum ouvir na fala de um dependente químico uma espécie de apagamento em seus laços afetivos e espaços de auto-referência: família, amigos, filhos, parceiros, o trabalho, o estudo, todas estas instâncias de endereçamento pulsional cedem seu lugar de primazia para o tóxico. O circuito pulsional com este é curto e direto: não há lugar para deslizamentos simbólicos, nem para

Evento: XVIII Jornada de Extensão

mediação de terceiros. A relação torna-se exclusiva, e o sujeito prescinde da necessidade do Outro para gozar. O sujeito, ao entregar-se para esta "metonímia infinita e lúdica", deixa de referenciar sua história, com suas marcas e faltas constitutivas. E, conforme aponta Ribeiro, esta ausência de um referencial histórico produz inconsistência na construção de sentido:

"Sem uma amarra no passado, sem o reconhecimento da função ordenadora das referências simbólicas que fundam as subjetividades, o presente se eterniza na fluidez destas imagens. É importante que se perceba, entretanto, que não se trata de uma hipervalorização do imaginário, mas, sim, ao contrário, de sua inconsistência. Se nós temos dificuldade para lastrear o objeto, como dizia Lacan, ou para erigir um ideal-do-eu que funcione enquanto referência simbólica, como apontava Freud, o que nos resta é nos lançarmos em uma busca interminável por qualquer coisa que, imaginariamente, nos assegure um lugar e um reconhecimento social." (Ribeiro, 2004)

Mesmo quando o sujeito consegue manter-se em abstinência, nem sempre ocorrem mudanças na sua posição psíquica em relação à droga. Este quadro é reforçado quando a equipe de saúde aposta na incurabilidade da doença, o que dificulta (ou pior, impede) o deslocamento do sujeito desta posição. Diante disto, de que forma a Psicanálise pode contribuir? Em primeiro lugar, com uma escuta que não se dirija à química, mas ao sujeito. E esta escuta deveria incluir a posição que a droga ocupa na economia psíquica, na função que ela exerce. Além disso, o analista precisa suportar o tipo de endereçamento transferencial produzido pelo sujeito, conforme aponta Torossian:

"A solicitação de tratamento constitui o primeiro tempo da demanda, demanda essa que precisa ser cavoucada a partir de brechas mínimas do pedido inicial. Brechas apresentadas pelos momentos nos quais a paixão pelo tóxico fracassa. Os sujeitos chegam ao tratamento aparentemente sem ter outra coisa a dizer a não ser de suas peripécias com as drogas. É o primeiro tempo do endereçamento transferencial, no qual parecem testar a capacidade do analista de suportar escutar as palavras tóxicas, isto é, palavras que se assemelham à passagem ao ato, destituídas da possibilidade de après-coup do dizer (Le Poulichet, 1990)." (Torossian, 2004)

É compreensível que a droga ocupe, em um primeiro momento da escuta, um lugar de primazia no discurso do sujeito, se considerarmos que ele está com suas fendas e bordas pulsionais obstruídas pelo seu objeto. É essencial que o analista suporte ser colocado no lugar do tóxico, para que num momento posterior possa ser situado no lugar de endereçamento simbólico. Com novos deslizamentos de sentido e valor, talvez seja possível resgatar o sujeito para outras inscrições simbólicas. Se assim for, cabe ao analista a tarefa de apostar (e sustentar) a possibilidade de mudança de sua posição subjetiva.

Evento: XVIII Jornada de Extensão

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante a escuta clínica percebe-se que num primeiro momento o dependente traz na sua fala quase que exclusivamente suas peripécias com a droga. Podemos pensar que o descolamento subjetivo entre o sujeito e o tóxico não dá-se tão prontamente quanto o descolamento físico, real, e o sujeito tenha a necessidade de gozar da droga através da palavra. Nesse sentido, o espaço de escuta proporciona um campo neutro, que permite dimensionar o espaço que o químico ocupa na economia psíquica do sujeito, abrindo-se novas compreensões de sentido e significado, possibilitando em um momento posterior o resgate de sua cadeia de referências simbólicas.

Um campo de escuta neutro e livre, que não provoque a "abstinência verbal" forçada, pode ser capaz de devolver o protagonismo ao sujeito, sobretudo se este vier amparado por uma aposta: a da mudança subjetiva do sujeito frente ao seu objeto tóxico. Uma aposta que todos que atuam com o sujeito toxicômano - seja na equipe multidisciplinar, ou ainda na família - devem sustentar.

PALAVRAS-CHAVE: Droga; Toxicomania; Psicanálise; Sujeito; Direção da Cura

KEYWORDS: Drug; Drug addiction; Psychoanalysis; Subject; Direction of the Cure

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

NUNES, Otávio Augusto Winck. Vou apertar, mas não vou acender agora. REVISTA DA ASSOCIAÇÃO PSICANALÍTICA DE PORTO ALEGRE - N° 26, Porto Alegre, n. 26, p. 16-22, 2004. Disponível em: . Acesso em: 20 nov. 2016.

RIBEIRO, Eduardo Mendes. Entre tóxicos e manias. REVISTA DA ASSOCIAÇÃO PSICANALÍTICA DE PORTO ALEGRE - N° 26, Porto Alegre, n. 26, p. 93-99, 2004. Disponível em: . Acesso em: 20 nov. 2016.

TOROSSIAN, Sandra Djambolakdjian. De qual cura falamos? Relendo conceitos. REVISTA DA ASSOCIAÇÃO PSICANALÍTICA DE PORTO ALEGRE - N° 26, Porto Alegre, n. 26, p. 09-15, 2004. Disponível em: . Acesso em: 20 nov. 2016.